GOVERNO

Lula retoma périplo INTERNACIONAL

Após reeleição, o presidente inicia hoje viagens ao exterior com agendas na Turquia e nas Filipinas. Em dezembro, há expectativa por encontro com Donald Trump no G20, em meio às incertezas sobre a relação entre Brasil e EUA

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva retoma, hoje, as viagens internacionais. Há a expectativa, inclusive, que possa se encontrar no mês que vem com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para discutir as mudanças nas relações entre os dois países. Findas as eleições ao Planalto e ao Congresso americano, a reconfiguração política dos países tem reflexos também na política externa. Por um lado, Lula saiu fortalecido com o inédito quarto mandato e reforçará a posição de soberania e respeito à ordem internacional adotada pelo Itamaraty. Por outro, a reação de Trump à perda de influência sobre o Parlamento ainda é uma incógnita: pode se retrair e focar em assuntos domésticos; ou voltar-se à política externa, aumentando a agressividade contra a América Latina, apoiado por aliados de extrema-direita.

Após as eleições, Lula retoma a agenda internacional a partir desta semana, quando embarca para a Turquia, onde ocorre a COP31. Em dezembro, viaja à Flórida para participar da Cúpula do G20, fórum que reúne as principais economias desenvolvidas e emergentes do mundo, nos dias 14 e 15. É lá que pode encontrar Trump, anfitrião do evento. Há, no governo, expectativa de uma reunião bilateral às margens da cúpula. Até o momento, porém, não há confirmação do encontro.

Para o pesquisador da Universidade de Brasília (UnB) em relações internacionais Vitor dos Santos Bueno, embora a cúpula represente uma oportunidade favorável para conversas de bastidores entre os líderes, o Brasil estará longe das prioridades de Trump com a presença de representantes da União Europeia, do Reino Unido, do Japão e da Rússia, por exemplo. "Isso não exclui a abertura para uma agenda de alto nível ou a preparação para uma reunião desse tipo no futuro", avalia.

O momento é de cautela para a diplomacia brasileira. Há dúvidas sobre o apoio que o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que fugiu para a Flórida após ser derrotado por Lula, terá do governo Trump. Em suas primeiras manifestações sobre o caso, o republicano admitiu que autorizou a entrada de Flávio e sua família nos EUA, mas não apoiou explicitamente as alegações de fraude. "Não vou fazer comentário sobre isso, mas eu sei que demos a ele uma autorização para entrar no país. Mas não vou me envolver. Foi uma eleição muito estranha, isso é certo", disse Trump a jornalistas. Em outra ocasião, afirmou que o pleito "pareceu fraudado", mas também reconheceu ter boa relação com Lula.

Para o pesquisador da UnB, a situação de Flávio só deve virar um problema para o governo brasileiro, caso o senador seja condenado por crimes no Brasil, como ocorreu com seu irmão, Eduardo Bolsonaro, que também está nos EUA. Um possível pedido de extradição, por exemplo, deve ser negado. "Ele (Flávio) passaria a ser um problema, caso Trump o usasse como forma de desacreditar as eleições brasileiras ou como fonte de argumentos contra o Brasil, que poderiam ser direcionados ao Judiciário com a narrativa de perseguição, o discurso sobre a falta de liberdade de expressão ou qualquer outro item da cartilha da extrema-direita brasileira", comenta Bueno.

O período eleitoral também exacerbou outro ponto de tensão: a regulamentação das big techs. Meta e X são investigadas por possível interferência na campanha, priorizando postagens em benefício de Flávio Bolsonaro. Em seu discurso de vitória, o petista deixou claro que o tema será prioridade em seu novo mandato. "A gente teve que vencer a intromissão, vinda de fora para dentro, através de plataformas digitais. Nós vamos ter que regulá-las", frisou. Trump, por sua vez, já retaliou com tarifas países que tentaram regulamentar as redes, incluindo o Brasil.

Esse tópico, avalia Bueno, pode virar um problema real na relação. Trump é próximo dos donos das maiores empresas, como Jeff Bezos, da Amazon; Mark Zuckerberg, da Meta; e Elon Musk, do X. Foram, inclusive, grandes doadores para a campanha do republicano. "A proposição ou aprovação de leis em relação à regulação dessas plataformas deve ser o elemento que desencadeará reações mais intensas de ambos os países", explica o pesquisador.

Há, portanto, um cenário de grande incerteza na relação brasileira com os Estados Unidos. O governo federal aguarda para ver como será a reação de Trump à derrota nas midterms, e se o americano decidirá manter uma relação pragmática com o Brasil, como fez, temporariamente, após encontro com Lula durante a Assembleia das Nações Unidas, no ano passado. Poderia o G20 trazer uma nova "química" entre os dois?

Pronunciamento com críticas a bets e defesa das reformas política e do Judiciário

Reprodução/YouTube



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu a reforma do Judiciário, criticou as plataformas de apostas on-line e reafirmou compromisso com a responsabilidade fiscal e com soluções para o endividamento das famílias, em durante pronunciamento na noite de ontem. Na segurança pública, o presidente afirmou que pretende integrar as forças policiais para retomar territórios ocupados pelo crime organizado, além de defender o maior rigor no combate à corrupção e à sonegação. Lula prometeu fortalecer o combate ao feminicídio e ampliar a proteção de crianças e adolescentes. "Vamos integrar e garantir a atuação enérgica de todas as forças policiais para retomar os territórios ocupados pelos criminosos e devolver a tranquilidade à população", disse. Na economia, ele destacou a baixa taxa de desemprego e a inflação sob controle, mas demonstrou preocupação com a dívida pública e os juros elevados. Reafirmou o compromisso com a responsabilidade fiscal e estabeleceu como meta elevar os investimentos a mais de 20% do PIB. (**Maria Beatriz Giusti**)

> **A proposição ou aprovação de leis em relação à regulação dessas plataformas (X e Meta) deve ser o elemento que desencadeará reações mais intensas de ambos os países"**
>
> ***Vitor dos Santos Bueno,***
> *pesquisador da UnB*

Rumo à COP31 e à cúpula asiática

» LUÍZA ALTOÉ

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva embarca hoje, às 9h, para a primeira viagem internacional após a reeleição. Na Turquia, ele participa da 31ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP31). Depois, nas Filipinas, ele faz uma visita de Estado e participa da 49ª Cúpula da Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean).

Lula desembarca na Turquia amanhã. No dia seguinte, ele participa da cerimônia de abertura da COP31 e discursa ao lado dos dois representantes dos países anfitriões: o presidente turco, Recep Erdoan, e do primeiro-ministro australiano, Anthony Albanese. As duas nações compartilham a presidência da conferência neste ano.

Ainda na Turquia, Lula também participa de um evento sobre florestas e de um encontro com representantes da sociedade civil nacional e internacional na tarde do dia 12, quando deve realizar um pronunciamento. O presidente deve usar a participação na COP31 para abordar a situação das democracias liberais ao redor do mundo. Além disso, pretende focar a apresentação em resultados concretos, mantendo a postura de porta-voz sobre a urgência do enfrentamento climático.

Na sexta-feira, o presidente embarca para as Filipinas. No dia seguinte, ele realiza uma visita de Estado e tem reuniões reservadas com o presidente filipino, Ferdinand Marcos Jr. Esta será a primeira visita de um chefe de Estado brasileiro ao país, no mesmo ano em que as nações comemoram 80 anos de relações diplomáticas.

No domingo, Lula participa da Cúpula da Asean e deve discursar durante o evento. A visita ocorre em meio a uma intensificação das relações bilaterais com o Sudeste Asiático, após recentes encontros de alto nível entre os dois países. Vale lembrar que o Brasil tenta elevar seu atual status de parceiro de diálogo setorial da Asean para parceiro de diálogo, patamar que possibilita a ampliação dos canais de coordenação política e diplomática, assim como dos projetos de cooperação.

Ozan Kose/AFP



Antália, na parte mediterrânea da Turquia, vai sediar a COP31: Austrália é outra anfitriã da conferência